



*O*  
**JOGO**

*dos*

**DESEJOS**

MEG SHAFFER

O  
JOGO  
*dos*  
DESEJOS



M E G S H A F F E R

TRADUÇÃO DE GUILHERME MIRANDA



Copyright © 2023 by 8th Circle, LLC

TÍTULO ORIGINAL

The Wishing Game

REVISÃO

Juliana Souza

Sara Ramos

PROJETO GRÁFICO

Ralph Fowler

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

MAPA

Olivia Walker

ILUSTRAÇÕES

Shutterstock (bússola e numerais)

red\_spruce / Adobe Stock (relógios)

DESIGN DE CAPA

Cassie Gonzales

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Holly Ovenden

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lazaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

S537j

Shaffer, Meg

O jogo dos desejos / Meg Shaffer ; tradução Guilherme Miranda. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

Tradução de: The wishing game

ISBN 978-85-510-0897-3

1. Ficção americana. I. Miranda, Guilherme. II. Título.

23-86933

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

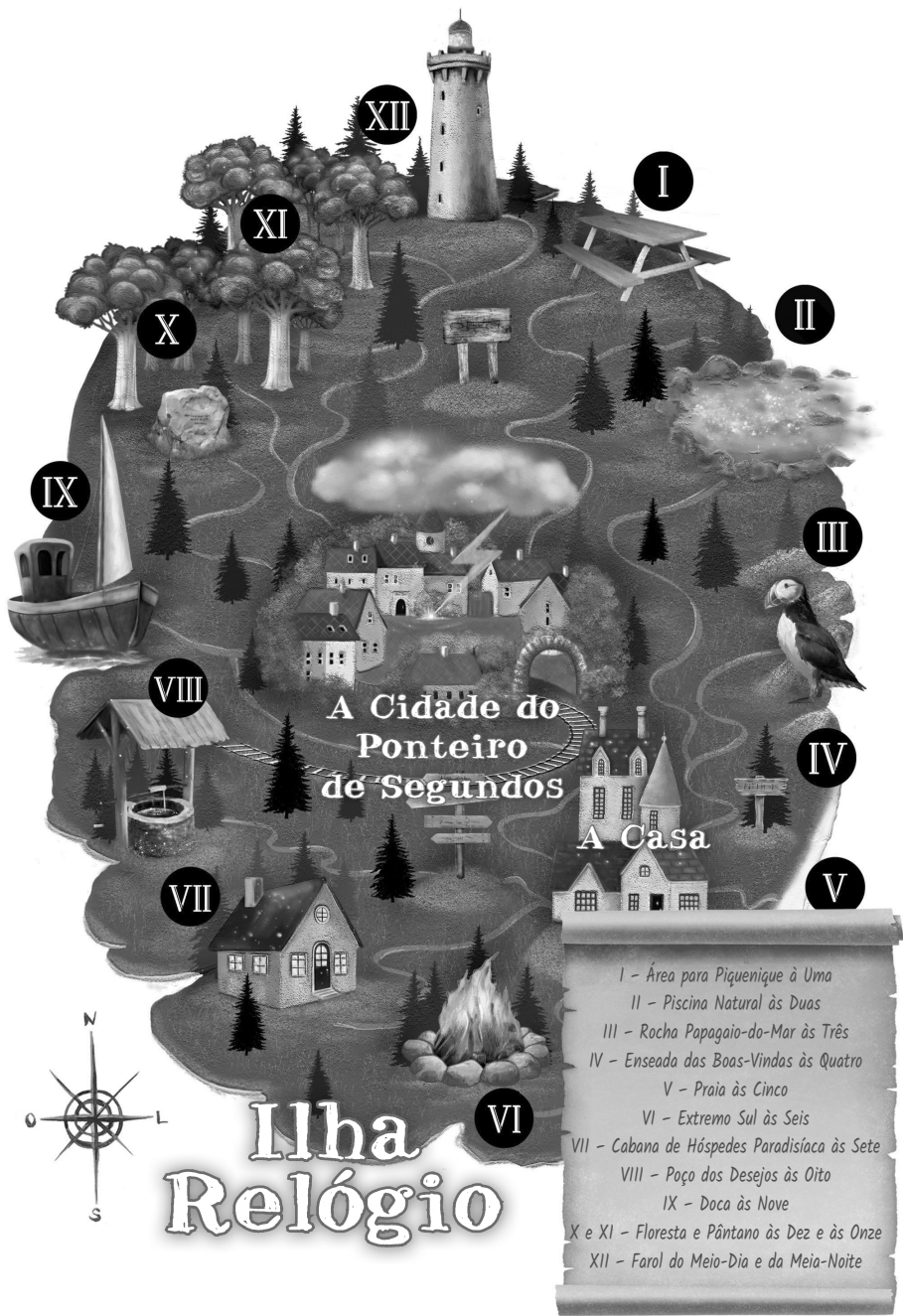
22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Este livro é dedicado a Charlie  
e a todos que ainda estão buscando seu bilhete dourado.*



A Cidade do Ponteiro de Segundos

A Casa

# Ilha Relógio

- I - Área para Piquenique à Uma
- II - Piscina Natural às Duas
- III - Rocha Papagaio-do-Mar às Três
- IV - Enseada das Boas-Vindas às Quatro
- V - Praia às Cinco
- VI - Extremo Sul às Seis
- VII - Cabana de Hóspedes Paradisiáca às Sete
- VIII - Poço dos Desejos às Oito
- IX - Doca às Nove
- X e XI - Floresta e Pântano às Dez e às Onze
- XII - Farol do Meio-Dia e da Meia-Noite

## PRÓLOGO

*Maiο*

**T**ODA NOITE, HUGO saía para dar uma volta na Praia às Cinco, mas hoje foi a primeira vez em cinco anos que seus pés errantes escreveram um SOS na areia.

Ele traçou as letras com cuidado, deixando-as tão grandes que poderiam ser vistas do espaço. Não que isso importasse. A maré varreria a Cinco antes do amanhecer.

Tinha sido certo capricho da parte de Jack dar esse nome à Praia às Cinco. *Destino*, era o que dizia Jack sobre ter encontrado esse pequeno trecho de floresta cerca de vinte anos antes. Aqueles trinta e tantos hectares perto do sul do Maine formavam um círculo quase perfeito.

Jack Masterson, que havia criado a Ilha Relógio no papel e em sua imaginação, poderia agora construí-la na vida real. Em sua sala, Jack tinha um relógio com os números marcados por fotos dos lugares da ilha — o farol às doze, a praia às cinco, a casa de hóspedes às sete, o poço dos desejos às oito —, o que levava a conversas como...

*Aonde você vai?*

*Às Cinco.*

*Quando você volta?*

*Antes do farol.*

Lugares eram horários. Horários eram lugares. Confuso no início. Charmoso depois que acostuma.

Hugo já não achava confuso nem charmoso. Era enlouquecedor morar numa casa como essa. Talvez tenha sido isso que aconteceu com Jack.

Ou talvez tenha sido isso que aconteceu com Hugo.

SOS. Salvem nossa sanidade.

A areia estava tão fria em seus pés descalços que parecia molhada. Que dia era? 14 de maio? 15 de maio? Ele não sabia dizer com certeza, mas sabia que o verão chegaria em breve. Seu quinto verão na Ilha Relógio. Talvez fosse seu limite, pensou ele. Ou quem sabe fazia cinco verões que ele havia ultrapassado seu limite?

Hugo lembrou que só tinha trinta e quatro anos, o que significava — se estivesse fazendo as contas direito (o que era improvável, afinal pintores não eram conhecidos por suas habilidades matemáticas) — que ele havia passado quase 15% da vida numa ilha bancando a babá de um adulto.

Será que ele poderia ir embora? Fazia anos que vinha sonhando com isso, mas apenas como um adolescente desejando fugir de casa. Mas agora era diferente. Agora Hugo estava fazendo planos, ou ao menos planejando fazer planos. Para onde iria? Voltaria para Londres? Sua mãe estava lá, mas ela finalmente estava recomeçando — marido novo, enteadas novas, felicidade nova ou algo parecido. Ele não queria atrapalhar.

Certo, Amsterdã? Não, ele nunca conseguiria trabalhar lá. Roma? Mesma coisa. Manhattan, então? Brooklyn? Ou a oito quilômetros dali, em Portland, para poder ficar de olho em Jack de uma distância próxima mas saudável?

Será que Hugo conseguiria fazer isso? Conseguiria abandonar o velho amigo ali, sem ninguém para ajudá-lo a diferenciar uma hora da outra, o farol da casa de hóspedes?

Se ao menos o velho voltasse a escrever... Pegasse uma caneta, um lápis, uma máquina de escrever, um graveto para escrever na areia... qualquer coisa. Hugo poderia até escrever se Jack ditasse — e tinha até se oferecido para isso.

— Por favor, pelo amor de Deus, de Charles Dickens e de Ray Bradbury — dissera ele a Jack no dia anterior —, escreva. Qualquer coisa. Desperdiçar um talento como o seu é como queimar uma pilha de dinheiro na frente de uma instituição de caridade. É cruel e podre.

Essas foram as palavras exatas que Jack tinha jogado na cara dele anos antes, quando era Hugo quem estava afogando seu talento de tanto encher a cara. Elas carregavam tanto impacto e tanta sinceridade agora quanto naquela época. Milhões de crianças pelo mundo — e ex-crianças também — chorariam de alegria se Jack Masterson escrevesse um livro novo sobre a Ilha Relógio e o misterioso Mestre Mentor que vivia nas sombras e concedia desejos a crianças valentes. A editora de Jack mandava regularmente à casa caixas de correspondências de fãs, milhares de crianças implorando a Jack que voltasse a escrever.

SOS, salvem nossas histórias.

Mas Jack não tinha feito nada nos últimos cinco anos além de andar pelo jardim, ler algumas páginas de um livro, tirar um cochilo demorado, beber vinho demais durante o jantar e mergulhar num de seus pesadelos antes de o ponteiro menor chegar à Doca às Nove.

Algo precisava mudar. O quanto antes. No jantar daquele dia, Jack não tinha acabado com uma garrafa inteira de vinho como de costume. Ele estava mais quieto, o que não era nem um bom nem um mau sinal. Tampouco havia lançado alguma charada amarga, nem mesmo a sua favorita...

*Dois homens numa ilha, e ambos a água tinham culpado  
pela perda de uma esposa e por uma filha ter matado  
mas nenhum deles é pai, tampouco casado.  
O segredo das meninas e da água será revelado?*

Era esperança demais acreditar que Jack estivesse saindo dessa? Finalmente?



Hugo andou pela areia à beira-mar. Deixou as ondas subirem até perto de seus pés, mas não mais que isso. Ele e o oceano não tinham mais uma boa relação. Isso era excêntrico? Sim. Mas tudo bem. Ele era pintor. Esperava-se que fosse excêntrico. Antigamente, ele amava o oceano, amava vê-lo toda manhã, toda noite, ver todas as suas facetas, todos os seus rostos. Não era todo mundo que sabia como o mar era em cada estação sob cada fase da lua, mas ele sabia. Agora, sabia que o oceano era tão perigoso quanto um vulcão adormecido. Em momentos de paz, era magnífico, mas, quando queria, era capaz de derrubar reinos. Cinco anos atrás, havia abatido o pequeno e estranho reino da Ilha Relógio.

Jack podia até acreditar que fazer pedidos por aí valia a pena — ou havia acreditado, em um passado distante —, mas Hugo não. Trabalho árduo e pura sorte o haviam levado aonde estava. Nada mais.

Mas, nesta noite, Hugo desejou, desejou muito, que algo arrancasse Jack de sua apatia, quebrasse o feitiço, desse a ele um motivo para escrever de novo. Qualquer motivo. Amor? Dinheiro? Raiva? Algo a fazer além de se afogar lentamente num Cabernet caríssimo?

Hugo deu as costas para a água. Encontrou seus sapatos e os bateu para tirar a areia deles.

Quando ele foi para a Ilha Relógio, havia jurado a si mesmo que ficaria um ou dois meses. Depois, que ficaria até Jack se recuperar. Cinco anos mais tarde, ainda estava lá.

Não. Chega. Acabou o tempo. Era hora de ir. A essa altura na primavera seguinte, já teria ido embora. Ele não podia ficar parado observando seu velho amigo se apagar como tinta em papel velho até ninguém mais conseguir ler o que estava escrito.

Tomada a decisão, Hugo se dirigiu à trilha. Foi então que viu uma luz se acender numa janela.

A janela da fábrica de escrita de Jack.

A fábrica de escrita, onde apenas a faxineira tinha colocado os pés nos últimos anos... e hoje era o dia de folga dela.

A luz na janela era baixa e dourada. A luminária de mesa de Jack. Ele estava sentado à escrivaninha pela primeira vez em anos. Estaria o Mentor escrevendo novamente?

Hugo pensou que a luz se apagaria, que aquilo era apenas um engano, uma besteira, só Jack buscando uma carta perdida ou um livro desaparecido.

No entanto, a luz continuou acesa.

Era esperança demais, mas, mesmo assim, Hugo torceu com todo o seu coração e fez o pedido a todas as estrelas do céu. Desejou, torceu e rezou por ele.

Rezou pelo milagre mais antigo de que se tem notícia — para que um homem morto voltasse à vida.

— Certo, velhote — disse Hugo para a luz na janela da casa da Ilha Relógio. — Já não era sem tempo.



*Faça um desejo*



*Astrid acordou de um sono profundo e sem sonhos. O que a havia despertado? Seu gato pulando em cima da cama? Não, Vince Galtaldi estava dormindo enroladinho em sua caminha no tapete. Às vezes o vento acordava Astrid quando chacoalhava o telhado da casa antiga, mas os galhos das árvores do outro lado da janela estavam parados. Era uma noite sem vento. Mesmo assustada, ela se levantou da cama e foi até lá. Será que um pássaro havia se chocado contra o vidro?*

*Astrid levou um susto quando o quarto foi inundado por uma luz branca, como os faróis de um carro, mas mil vezes mais forte e mais brilhante.*

*Então passou. Foi isso que a havia acordado? Aquela rajada de luz em seu quarto?*

*De onde veio?, perguntou-se ela.*

*Astrid pegou os binóculos pendurados na cabeceira da cama. Ela se ajoelhou diante da janela, os binóculos posicionados em frente aos olhos, e olhou para a outra margem da água, onde ficava uma ilha solitária, como uma tartaruga adormecida no oceano frio.*

*A luz brilhou de novo.*

*Tinha vindo do farol. O farol na ilha.*

*— Mas — sussurrou Astrid para a janela — faz uma eternidade que aquele farol está apagado.*

*O que aquilo queria dizer?*

*A resposta lhe ocorreu tão de repente quanto a luz em sua janela.*

*Fazendo o mínimo de barulho possível, ela saiu do quarto e entrou de fininho no quarto do outro lado do corredor. Max, seu irmão de nove anos, dormia tão profundamente que estava babando no travesseiro. Argh. Que nojo. Meninos. Astrid cutucou o ombro de Max uma, duas vezes. Foram necessárias doze cutucadas no ombro para que ele acordasse.*

— *Quê. Quê? Quêêê?*

*Ele abriu os olhos, secando a baba com a manga do pijama.*

— *Max, é o Mentor.*

*Isso chamou a atenção dele. Ele se sentou na cama.*

— *O que tem ele?*

*Ela sorriu no escuro.*

— *Ele voltou à Ilha Relógio.*

— *A casa da Ilha Relógio, Ilha Relógio Vol. 1,  
de Jack Masterson, 1990*

## CAPÍTULO UM

*Um ano depois*

**O**SINAL DA ESCOLA TOCOU às duas e meia, e a debandada habitual de pezinhos veio em seguida. Lucy cuidou das mochilas e lancheiras enquanto a sra. Theresa, a professora da turma, dava seus avisos de sempre.

— Mochilas, lancheiras e papéis! Se esquecerem alguma coisa, não vou levar para a casa de vocês, e a srta. Lucy também não!

Algumas das crianças ouviram. Outras a ignoraram. Felizmente, era o jardim de infância, então não havia muita coisa em jogo.

Várias crianças a abraçavam na saída. Lucy sempre gostou desses apertinhos rápidos, como os chamava. Faziam os longos dias exaustivos como auxiliar de turma — apartando brigas no parquinho, limpando acidentes escatológicos, amarrando e voltando a amarrar mil cadarços e secando mil lágrimas — valerem o trabalho sem fim.

Quando a sala de aula finalmente ficou vazia, Lucy se afundou na cadeira. Por sorte, não era responsável pelo ônibus hoje, então tinha alguns minutos para se recuperar.

Theresa avaliou a sala com um saco de lixo na mão. Todas as mesas redondas estavam cobertas de pedaços de cartolina, com potes de cola abertos e lambrecados. Havia também lápis grossos e arames felpudos espalhados pelo chão.

— É como o Arrebatamento — comentou Theresa, com um gesto. — Puf. Eles desaparecem.

— E ficamos para trás de novo — disse Lucy. — O que fizemos de errado?

Alguma coisa, obviamente, porque naquele momento ela estava descolando um chiclete de baixo da mesa pela segunda vez na semana.

— Aqui, pode me dar o saco de lixo. É minha função.

Lucy pegou o saco e jogou o chiclete lá dentro.

— Tem certeza de que não se importa em limpar sozinha? — perguntou Theresa.

Lucy fez um gesto indicando que não precisava. Theresa parecia tão exausta quanto Lucy, e a coitada ainda tinha reunião do conselho escolar naquele dia. Quem acha que a vida de professor é fácil obviamente nunca deu aula.

— Não se preocupe — garantiu Lucy. — Christopher gosta de ajudar.

— Adoro quando as crianças têm idade suficiente para a gente convencê-las a fazer tarefas, porque elas pensam que é brincadeira — disse Theresa, pegando a bolsa na última gaveta da mesa. — Falei para Rosa que ela não podia passar o esfregão na cozinha porque era coisa de adulto, e ela literalmente ficou de bico até que eu a deixasse passar.

— É isso que é ser mãe? — perguntou Lucy. — Dar vários golpes nos filhos?

— Basicamente — respondeu Theresa. — Até amanhã de manhã. Mande um oi para Christopher.

Theresa saiu, e Lucy deu uma olhada na sala. Parecia ter sido atingida por um tornado arco-íris. Lucy deu a volta em cada mesa com o saco de lixo na mão, pegando maçãs de papel grudentas, laranjas de papel grudentas, uvas de papel grudentas e limões de papel grudentos.

Quando terminou a limpeza, ela estava com as mãos cobertas de cola, um morango de papel grudado na calça cáqui e o pescoço dolorido de tanto se abaixar embaixo de mesas baixas por meia

hora. Ela precisava de um banho demorado a mil graus e uma taça de vinho branco.

— Lucy, por que você está com uma banana no cabelo?

Ao se virar, ela viu um menino franzino de olhos arregalados e cabelo preto parado no batente olhando para ela. Ela levou a mão ao cabelo e sentiu o papel. Que bom que fazia alguns anos que praticava o autocontrole como auxiliar de turma, senão teria soltado uma série de palavrões criativos.

Em vez disso, e com toda a dignidade que lhe restava, ela tirou a banana de papel do cabelo.

— A pergunta é, Christopher, por que *you* não está com uma banana no cabelo? — indagou ela, tentando não pensar em por quanto tempo tinha ficado com a banana grudada ali. — Todos os jovens descolados estão usando.

— Ah — disse ele, revirando os olhos. — Acho que não sou descolado.

Ela colou a banana em cima da cabeça dele com delicadeza. Seu cabelo escuro era tão ondulado que sempre parecia que ele tinha passado algumas horas de ponta-cabeça.

— *Voilà*, agora você é.

Ele balançou a cabeça até a banana cair e a grudou na mochila azul desbotada. Passou as mãos no cabelo, não para arrumá-lo, mas para reafotá-lo. Ela adorava esse seu menino esquisito. Meio que seu. Um dia seu.

— Viu? Não sou descolado — disse ele.

Lucy puxou uma das cadeirinhas e se sentou, depois puxou outra para Christopher. Ele se sentou com um gemido cansado.

— É, sim. Eu acho você descolado. Caça às meias.

Ela pegou os tornozelos de Christopher e colocou os pés dele em cima de seus joelhos para a escavação arqueológica diária que era ajeitar as meias nos sapatos do menino. Será que ele tinha tornozelos estranhamente finos ou meias especialmente escorregadias?



— Você não conta — disse Christopher. — Os professores têm que achar todas as crianças legais.

— Sim, mas sou a auxiliar de turma mais descolada de todas, então entendo dessas coisas.

Ela deu uma última puxada nas meias dele.

— Não é, não.

Christopher baixou os pés e abraçou a mochila azul como se fosse um travesseiro.

— Não sou? Quem me venceu? Vou brigar com ela no estacionamento.

— A sra. McKeen. Ela dá festas com pizza todo mês. Mas dizem que você é a mais bonita.

— Que bacana... — disse ela, mas não se sentiu lisonjeada.

Ela era a auxiliar de turma mais jovem, e isso era basicamente tudo o que tinha a seu favor. Na melhor das hipóteses, era mediana em todos os sentidos: cabelo castanho na altura dos ombros, grandes olhos castanhos que sempre a faziam parecer menor de idade e um guarda-roupa que não era renovado havia anos. Roupas novas exigiam dinheiro.

— Espero que no Dia dos Prêmios eu ganhe um certificado que oficialize isso. Você tem lição de casa?

Lucy se levantou e voltou à limpeza, passando um pano com desinfetante nas mesas e cadeiras. Ela torceu para que a resposta fosse não. Ele não recebia muita atenção dos pais temporários, e ela tentava compensar o que ele não recebia em casa.

— Não muita.

Ele jogou a mochila em cima da mesa. O coitadinho parecia tão cansado... Estava com olheiras escuras, e os ombros, caídos de exaustão. Uma criança de sete anos não devia ter os olhos de um detetive exausto trabalhando num caso de assassinato particularmente brutal.

Ela parou na frente dele, o frasco de limpeza pendurado em um dos dedos, os braços cruzados.

— Você está bem, garoto? Dormiu ontem à noite?

Ele deu de ombros.

— Pesadelo.

Lucy voltou a se sentar ao lado dele. Christopher deitou a cabeça na mesa.

Ela imitou o movimento dele, e os olhos dos dois se encontraram. Os do menino estavam com os contornos rosados, como se ele tivesse passado o dia todo tentando não chorar.

— Quer me contar sobre esse sonho? — perguntou ela, mantendo a voz suave, baixa e gentil. Crianças com vidas difíceis mereciam palavras gentis.

Algumas pessoas gostam de dizer que as crianças são resilientes, parece que elas se esqueceram de como as coisas tinham um impacto maior quando eram crianças. O coração de Lucy ainda tinha as marcas dos golpes que ela havia levado na infância.

Christopher apoiou o queixo no peito.

— O de sempre.

*O de sempre* significava o telefone tocando, o corredor, a porta aberta, os pais dele na cama parecendo dormir, mas com os olhos arregalados. Se Lucy pudesse puxar os pesadelos dele para o cérebro dela, para dar a ele uma boa noite de sono, certamente faria isso.

Ela colocou a mão na lombar de Christopher e deu uns tapinhas. Os ombros dele eram finos e delicados como asas de mariposa.

— Eu também ainda tenho pesadelos, às vezes — admitiu ela.  
— Sei como é. Você contou para a sra. Bailey?

— Ela me disse para não a acordar a menos que seja uma emergência — disse ele. — Sabe, por causa dos bebês.

— Entendi.

Lucy não gostou daquilo. Sabia, sim, que a mãe temporária de Christopher estava cuidando de dois bebês doentes. Mas alguém tinha que cuidar dele também.

— Sabe, eu estava falando sério quando disse que pode me ligar quando não conseguir dormir. Vou ler pelo telefone para você dormir.

— Eu queria te ligar — disse ele. — Mas, sabe...

— Sei — concordou ela. Christopher tinha pavor de telefones, e ela achava compreensível. — Tudo bem. Talvez a gente possa encontrar um gravador antigo para eu me gravar lendo uma história para você, aí você pode tocar na próxima vez que não conseguir dormir.

Ele sorriu. Foi um sorriso pequeno, mas os melhores perfumes vinham nos menores frascos.

— Quer tirar um cochilo? — perguntou ela. — Abro um tapezinho para você.

— Não.

— Quer ler?

Ele deu de ombros de novo.

— Quer... — Ela ficou em silêncio, tentou pensar em algo que o distraísse de seus sonhos. — ... me ajudar a embalar um presente?

Isso chamou a atenção dele. Ele se empertigou e sorriu.

— Você vendeu um cachecol?

— Trinta dólares — disse ela. — A lã me custou seis. Faça as contas.

— Hum... vinte e dois? Quatro! Vinte e quatro.

— Muito bem!

— Posso ver? — perguntou ele.

— Vou pegar, aí a gente embala e escreve uma carta.

Lucy foi até a mesa em que ela e Theresa trancavam suas bolsas e chaves todo dia. Dentro de uma sacola plástica estava a mais nova criação de Lucy: um cachecol tricotado com uma lã macia, rosa e creme. Ela levou a sacola até a mesa e o tirou, mostrando para Christopher como se fosse um boá de plumas ao redor dos ombros.

— Gostou?

— É de menina — disse ele, balançando a cabeça de um lado para o outro como se avaliasse o mérito da peça.

— Uma menina fez, e uma menina comprou — replicou Lucy. — E fique você sabendo que, no século XIX, rosa era considerada uma cor de menino, e azul era considerada uma cor de menina.

— Que esquisito.

Lucy aponta para ele.

— Esquisito é você.

— Esquisita é *you* — retrucou ele.

Lucy bateu de leve no topo da cabeça dele com a ponta do cachecol e deu risada.

— Vá buscar o papel timbrado — disse ela. — Temos que escrever nossa carta de agradecimento.

Christopher correu até o armário de materiais. Ele amava aquele armário. Era onde todas as coisas divertidas ficavam escondidas: os pacotes novos de cartolina, os sacos de arames felpudos, o glitter, as canetinhas, os pincéis e os lápis de cor, as decorações de Halloween. Também havia alguns itens de escritório bonitos, doados pela mãe de uma das crianças, que era dona de uma papelaria na região. Lucy tinha definido o papel azul-celeste com nuvens brancas como o oficial da “empresa” deles.

— Posso escrever enquanto você embrulha? — perguntou Christopher, correndo de volta até a mesa com o papel na mão.

— Você quer escrever a carta? — indagou ela enquanto passava o rolo tira-pelos com cuidado no cachecol. Ela vendia on-line cerca de um ou dois cachecóis por semana. Para a maioria das pessoas, os trinta ou quarenta dólares a mais por semana não valiam o esforço de tricotar um cachecol com quatro agulhas. Mas, para Lucy, cada centavo desse dinheiro fazia diferença.

— Andei treinando como escrever cartas — disse Christopher. — Escrevi uma página inteira ontem de noite.

— Você escreveu uma carta para quem? — quis saber ela, enquanto dobrava com capricho o cachecol e o embalava em papel de seda branco.

— Ninguém — respondeu ele.

— Quem é Ninguém? — perguntou ela. — Um amigo novo?

— Não escrevi para ninguém — disse ele.

— Tá.

Lucy não insistiu. Ainda mais porque conseguia imaginar para quem ele tinha escrito sua carta. Mais de uma vez ela o havia flagrado escrevendo bilhetes para os pais.

Sinto sua falta mamãe. Queria que você estivesse  
no piquenique da escola hoje.  
muitas mães vieram.

Pai hoje ganhei uma estrela na lissao de casa.

Cartinhas. Bilhetes de partir o coração. Ela havia tentado conversar com Christopher sobre isso, mas ele nunca quis admitir que estava escrevendo para os pais. Isso o deixava com vergonha. Ele entendia que eles estavam mortos e provavelmente achava que as outras crianças ririam dele se soubessem que ainda falava com eles às vezes.

Christopher dobrou o papel de nuvem em cima da mesa e pegou o lápis.

— Qual é o nome da moça do cachecol? — perguntou ele. O menino era tão inteligente que já sabia até como mudar de assunto.

— Carrie Washburn. Ela mora em Detroit, no Michigan.

— Onde fica isso?

Lucy foi até o mapa dos Estados Unidos na parede. Uma estrela azul marcava onde os dois estavam, na Escola Redwood, em Redwood Valley, na Califórnia. Ela apontou para a estrela azul e, então, passou o dedo pelo meio do mapa até parar perto do lago Erie.

— Nossa. É longe — comentou Christopher.

— Eu não gostaria de andar por lá — disse ela. — No inverno faz muito frio em Detroit. É bom ter muitos cachecóis.

— Eu sei onde o Mentor mora.

— Quem? — perguntou ela. A linha de raciocínio de crianças pequenas era sempre uma surpresa.

— O Mentor, dos nossos livros.

— Ah — disse ela. — Você está falando de Jack Masterson? O autor dos nossos livros?

— Não, o Mentor. Ele mora na Ilha Relógio.

Lucy não sabia como continuar a conversa. Christopher só tinha sete anos, então ela ainda não queria contar para ele que os personagens que o pequeno tanto amava não eram reais. Ele não tinha muito em que se agarrar no momento, então por que não deixar que pensasse que o Mentor dos livros da Ilha Relógio era uma pessoa de verdade que concedia desejos para crianças de verdade?

— Como você sabe onde o Mentor mora?

— Minha professora me mostrou. Quer ver?

— Manda ver, Magalhães.

— Quê?

— Fernão de Magalhães. Um navegador famoso. Passou por maus bocados nas Filipinas. Acho que mereceu, mas isso não vem ao caso. Mostre a Ilha Relógio.

Ele se levantou de um salto e apontou para a pontinha na extrema direita do mapa.

— Aqui — disse ele, e Lucy ficou surpresa ao ver que ele tinha acertado perfeitamente. A ponta do dedo dele tocava um trecho de água perto da costa de Portland, no Maine.

— Muito bem — elogiou ela.

— É mesmo a Ilha Relógio? — quis saber ele, franzindo o rosto para o mapa. — Tem trem e unicórnios lá?

— Como nos livros, você quer dizer? — perguntou Lucy. — Bom, ouvi dizer que é bem incrível, sim. Sabia que tem gente que acha que o Mentor e Jack Masterson são a mesma pessoa?

— Mas você disse que conheceu o Jack.

— Conheci Jack Masterson, sim. Muito tempo atrás. Ele, hum, autografou um livro para mim.

— Ele não era o Mentor, era?

Droga. Nessa ele a pegou. O Mentor sempre se escondia nas sombras, que o envolviam na escuridão e o seguiam aonde quer que ele fosse.

— Não, ele não parecia o Mentor quando o conheci.

— Viu?

Christopher estava triunfante. Nada deixava uma criança mais feliz do que provar que um adulto estava errado.

— Eu me enganei.

Christopher traçou uma linha da Ilha Relógio até a cidade deles, Redwood, na Califórnia.

— É muito, *muito* longe.

Ele fez uma careta. O Maine era do outro lado do país em relação à Califórnia, exatamente o motivo pelo qual ela tinha se mudado do Maine para a Califórnia.

— Bem longe, né? — disse ela. — É melhor ir de avião.

— Crianças podem ir?

Lucy sorriu.

— Para a Ilha Relógio? Podem, mas não devem fazer isso sem ser convidadas. A ilha é particular, e o Mestre é dono dela toda, como se a ilha inteira fosse a casa dele. Seria falta de educação aparecer sem ser convidado.

— As crianças vivem fazendo isso nos livros.

— Verdade, mas mesmo assim, vamos esperar um convite.

Ela deu uma piscadinha.

Lucy sabia muito bem sobre as crianças que apareciam na Ilha Relógio sem serem convidadas. Não que ela fosse contar para Christopher, pelo menos não até ele ficar mais velho.

Ele se afastou do mapa e olhou para ela.

— Por que não saem mais livros?

— Bem que eu queria saber — respondeu Lucy, voltando a embrulhar o cachecol com papel de seda e barbante. — Quando eu tinha sua idade, saíam uns quatro ou cinco por ano. E eu lia cada um no dia em que saía. E relia umas dez vezes na semana seguinte.

— Que sorte... — disse Christopher, melancólico.

Os livros da Ilha Relógio não eram muito longos, cento e cinquenta páginas no máximo, e só havia sessenta e cinco volumes. Christopher teria lido todos em seis meses se ela não desse apenas um por semana para ele. Mesmo assim, tinham terminado a série toda e recomeçado pelo primeiro livro algumas semanas antes.

— Não se esqueça da carta para nossa cliente — comentou Lucy, dando uma piscadinha para ele.

— Ah, é. Como se escreve Carrie? — perguntou ele, colocando o lápis no papel.

— Como você acha?

— *K-A...*

— É com C — disse Lucy.

— Carrie começa com C? C tem som de K.

— Mas C também tem às vezes. Como o C em Christopher.

Ela deu uma encostadinha de leve na ponta do nariz dele.

Christopher olhou feio para ela. Ele reprovava encostadinhas no nariz.

— Tem uma Kari na minha turma — explicou ele, como se Lucy não fosse tão inteligente quanto parecia. — Começa com K.

— Dá para escrever de muitas formas. Essa Carrie é com um C, dois Rs e um *I-E*.

— Dois Rs?

— Dois Rs.

— Por quê? — perguntou Christopher.

— Por que tem dois Rs? Não sei. Deve ter ficado gananciosa.

Com sua mão de criança, Christopher desenhou com cuidado as palavras *Querida Carrie* e se lembrou de colocar dois Rs no nome.

— Sua ortografia e sua letra estão melhorando muito.



Ele sorriu.

— Andei treinando.

— Dá para ver.

Lucy incluía em toda encomenda uma carta de agradecimento pela compra de um cachecol feito à mão da Empresa de Tricô Hart & Lamb. Não era uma empresa de verdade, só sua loja on-line, mas Christopher adorava ser “copresidente”.

— O que eu escrevo agora? — perguntou ele.

— Alguma coisa simpática — disse Lucy. — Que tal... *Obrigado por comprar um cachecol. Espero que goste.*

— Espero que deixe seu pescoço quentinho? — perguntou Christopher.

— Essa é boa. Pode escrever.

— Mesmo sendo um cachecol de menininha.

— Não escreva isso.

Christopher riu e voltou a escrever. Fazê-lo sorrir ou dar risada era melhor do que ganhar na loteria, embora ela fosse ter muito mais tempo para fazê-lo rir se ganhasse na loteria. Ela olhou por cima do ombro dele enquanto o menino escrevia. Christopher estava ficando muito bom em escrever. Poucos meses antes, ele cometia um erro de ortografia palavra sim, palavra não. Agora era só a cada quatro ou cinco palavras. Suas habilidades de leitura e matemática também estavam melhorando. Isso não acontecia quando o garoto estava alternando entre meia dúzia de lares temporários. Este ano, ele contava com uma estrutura domiciliar estável, ótimos terapeutas e Lucy como professora de reforço todo dia depois da aula. As notas dele melhoraram muito desde então. Se ao menos ela conseguisse fazer algo sobre aqueles pesadelos e o pavor dele de telefones...

Lucy sabia do que ele precisava, e era a mesma coisa que ela queria para ele: uma mãe. Não uma mãe temporária com dois bebês doentes que ocupavam todos os minutos do dia dela. Ele precisava de uma mãe permanente, e Lucy queria ser essa mãe.

— Lucy, quanto dinheiro você tem na poupança dos desejos? — perguntou ele, escrevendo o próprio nome com cuidado ao pé da carta.

— Dois mil e duzentos dólares — respondeu ela. — Dois, dois, zero, zero.

— Uau... — disse ele, encarando-a com os olhos arregalados. — Tudo dinheiro de cachecol?

— Quase tudo.

Dinheiro de cachecol e todos os trabalhos como babá que ela tinha conseguido arranjar. Todo dia, Lucy pensava em voltar a trabalhar como garçonete, mas isso significaria nunca mais ver Christopher, e ele precisava dela mais do que ela de dinheiro.

— Quanto tempo demorou para juntar isso?

— Dois anos — disse ela.

— De quanto você precisa?

— Hum... um pouco mais.

— Quanto?

Lucy hesitou antes de responder.

— Talvez dois mil — admitiu ela. — Talvez um pouco mais.

O semblante de Christopher mudou. O menino era bom demais em matemática.

— Assim vai precisar de mais dois anos — disse ele. — Eu vou ter nove anos.

— Talvez menos? Quem sabe?

Christopher baixou a cabeça na carta que estava escrevendo para Carrie de Detroit. Lucy foi até ele, tirou-o da cadeira e o segurou no colo. Ele envolveu o pescoço dela com os braços.

— Apertinho — sussurrou ela, abraçando-o com firmeza. Pelo andar da carruagem, levaria dois anos para ela virar mãe dele. Pelo menos dois. — Vamos chegar lá — disse ela suavemente, balançando-o. — Qualquer dia desses, vamos chegar lá. Eu e você. Estou trabalhando nisso todo dia.

**ROMANCE DE ESTREIA QUE REMETE A CLÁSSICOS COMO  
MATILDA E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE TRAZ HISTÓRIA  
APAIXONANTE SOBRE O QUE SIGNIFICA SER UMA FAMÍLIA**

Lucy Hart sabe bem como é não se sentir amada pelos pais. Durante a infância solitária, os livros eram o seu principal conforto — em especial, os da série da Ilha Relógio, do recluso escritor best-seller Jack Masterson. Agora, aos vinte e seis anos, ela divide o amor pela leitura com seus alunos, entre eles Christopher Lamb, um garotinho que perdeu os pais de forma trágica. Lucy faria qualquer coisa para adotar o menino, mas, sem a estabilidade e os recursos financeiros necessários, a possibilidade de se tornarem uma família parece um sonho distante.

Quando Lucy está prestes a desistir, Jack Masterson anuncia — após um misterioso hiato de mais de cinco anos — que finalmente escreveu um novo livro. E não só: ele promoverá um concurso na verdadeira Ilha Relógio, no nordeste dos Estados Unidos, para decidir quem será o detentor da única cópia — e Lucy é uma das quatro pessoas sortudas escolhidas para competir.

Ganhar o tão cobiçado manuscrito significaria a realização de todos os desejos de Lucy e Christopher. Mas antes ela terá que lidar com implacáveis colecionadores de livros, oponentes astutos, charadas mais do que complexas e o charmoso (e ranzinza) ilustrador das obras da Ilha Relógio, Hugo Reese, além de reviravoltas que podem mudar completamente o destino de todos.

Uma obra com toques de realismo mágico que prende o leitor desde a primeira página, *O jogo dos desejos* é a leitura perfeita para todos os amantes de livros. Um romance para pessoas de qualquer idade, com uma mensagem poderosa: as histórias nos formam, nos transformam e nos acompanham por toda a vida.

**SAIBA MAIS:**

<https://intrinseca.com.br/livro/o-jogo-dos-desejos/>

